

# Timbres nas ânforas de Tasos: circulação, produção e conexão no Mediterrâneo

*Stamps on the amphoras of Thasos: circulation, production and  
connection in the Mediterranean*

**Vagner Carvalho Porto\***

**Juliana Figueira da Hora\*\***

**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de apresentar e discutir a produção e circulação das ânforas tasienses que possuíam timbres. Procuraremos mostrar a importância de Tasos no contexto da produção anfórica do Egeu e o histórico dessa ilha em relação ao comércio do Egeu, Mediterrâneo e mar Negro. Por fim, procuraremos correlacionar essas questões com as novas propostas teóricas ligadas à conectividade do Mediterrâneo e às redes de relações entre os habitantes dessas regiões na Antiguidade.

**Abstract:** This article aims to present and discuss the production and circulation of Thasian amphora stamps. We try to show the importance of Thasos in the context of amphora's production in the Aegean, the history of this island within Aegean, Mediterranean and Black Sea trade networks. Finally, we try to demonstrate some relationships concerning new theoretical proposals related to connectivity of the Mediterranean and the network of relations between the inhabitants of these regions in Antiquity.

**Palavras-chave:**

Ânforas tasienses;  
Timbres;  
Produção;  
Egeu.

**Keywords:**

Thasian amphorae;  
Stamps;  
Production;  
Aegean.

---

Recebido em: 12/05/2016

Aprovado em: 19/06/2016

---

\* Professor de Arqueologia Clássica do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Professor Associado ao Laboratório de Arqueologia Romana Provincial – LARP.

\*\* Mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Pesquisadora vinculada ao Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga – LABECA. Bolsista Fapesp.

## Tasos e a sua importância no contexto do Mediterrâneo

### *Tasos – Histórico*

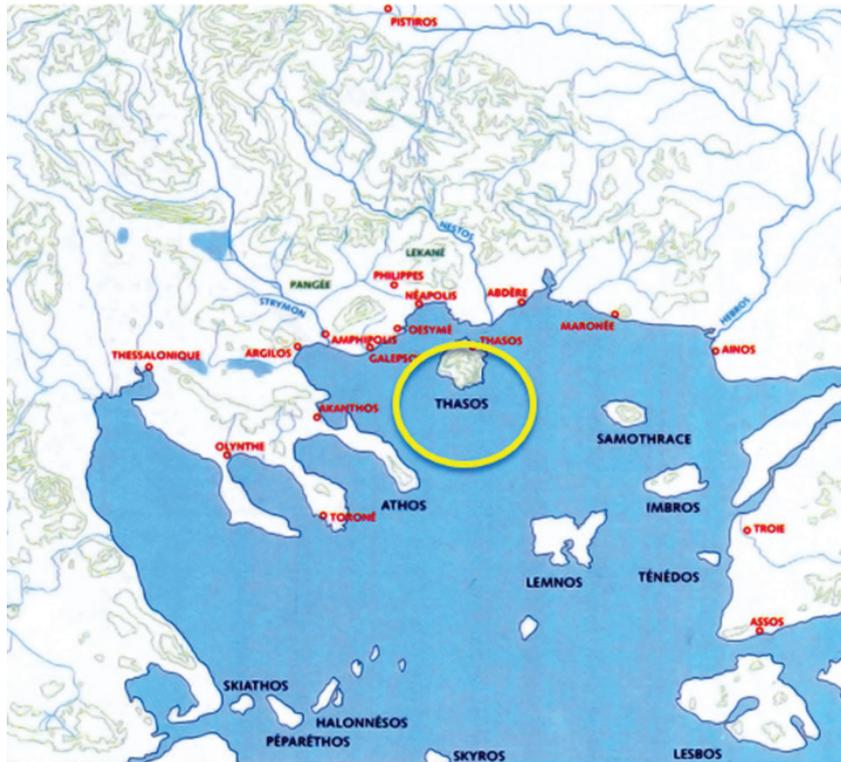
A ilha de Tasos foi habitada desde o período Paleolítico de acordo com pesquisas arqueológicas realizadas em Tsinés, região próxima a Limenaria, *khóra* de Tasos.<sup>1</sup> Foi possível escavar cavernas de extração de ocre, ferramentas feitas de osso (pontas de chifre) e pedra. A datação destes sítios é de cerca de 10.000. AP,<sup>2</sup> época em que, segundo estudos geológicos, a ilha ainda fazia parte do continente. Cabanas neolíticas foram reconhecidas e exploradas na *khóra* de Tasos, mais especificamente em Limenaria, La Scala Maries e Kastri (GRANDJEAN; SALVIAT, 2000, p. 23).

A Idade do Bronze deixou vestígios importantes em Thasos, principalmente na área de Potos e, especialmente, em La Scala Sotir, onde foram descobertos povoados fortificados e estelas antropomórficas do terceiro milênio. Em Kastri, entre Potos e Theologos, a ocupação começou em 1300 a.C. e continuou ininterruptamente até cerca de 700 a.C. Na costeira Palaiokastro, a poucos quilômetros a leste de Scala Maries e norte da estrada que conduz à aldeia, foi encontrado um núcleo habitacional do século XI a VIII a.C. Foram encontradas ferramentas, modelos de vasos com decoração incisa e ranhuras, reconhecidas como macedônias, orientais e dos Balcãs. Segundo antigas fontes textuais citadas no *Guide de Thasos* (2000, p. 23), estima-se que a população era trácia, e a ilha chamava-se Odonis.

---

<sup>1</sup> De acordo com o Glossário do Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca – MAE/USP), *Khóra*, termo em grego: χώρα, ας (ή), significa o espaço de terra delimitado; na *pólis*, significa território; o campo em oposição à área urbana, local onde eram realizadas atividades produtivas; abrigava, por exemplo, fazendas, santuários extra-urbanos. Disponível em: <<http://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/>>.

<sup>2</sup> O termo AP (Antes do Presente) é uma escala de tempo usada na Arqueologia, Geologia e outras disciplinas científicas como padrão para especificar datações muito recuadas. Foi adotado por causa da multiplicidade de calendários e datas utilizadas no presente. No início de 1954, metrologistas estabeleceram o ano de 1950 do calendário gregoriano como o ano de origem arbitrária da escala de tempo para o uso em datação por radiocarbono. Assim, por exemplo, 1500 AP significa 1500 anos menos do que 1950, ou seja, o ano de 450 d.C. Na Arqueologia pré-histórica é comum o uso do termo.

**Figura 1** - Mapa do norte do Egeu e da ilha de Tasos

**Fonte:** Grandjean; Salviat (2000, p. 14).

A ilha de Tasos está localizada no Egeu, próxima ao continente trácio. Os cinco principais picos de cadeia de montanhas alcançam mais de mil metros, dividindo a ilha do sudeste a noroeste em duas partes desiguais. A ilha está em uma posição privilegiada no norte do Egeu, situada entre rotas muito frequentadas na Antiguidade, tanto de leste a oeste quanto de norte a sul do Mediterrâneo (GRANDJEAN; SALVIAT, 2000, p. 16).

### *Tasos e o comércio*

A Tasos histórica teria sido fundada por gregos da ilha de Paros em 680 a.C. e à medida que a *pólis* expandia, a ilha abria fluxo para o comércio, tanto no nordeste do Egeu quanto para o continente próximo. Heródoto, no livro VI de suas *Histórias* (46-47), ao descrever as Guerras Médicas ocorridas no século V a.C., recorda que os primeiros a explorarem as minas tasienses foram os fenícios. Graham (1978, p. 61) também nos informa que, segundo Heródoto, havia minas de ouro localizadas entre Cenira e uma localidade denominada Enira.

Tasos prosperou e a nova *pólis* ampliava cada vez mais suas relações comerciais e culturais com outras *póleis* e com outros povos. Os vestígios materiais mostram uma grande influência externa na cerâmica, no bronze e no marfim, ilustrando bem as relações

que tasienses estabeleceram com os cicládicos, ródios, jônios, coríntios e atenienses no século VI a.C. (GRANDJEAN; SALVIAT, 2000, p. 8). Nesse sentido, a pesquisa arqueológica pertinente insere-se na construção e reconstrução de redes intersociais complexas, com destaque para a natureza dessas conexões, por quem são mediadas, e qual o significado político, econômico e ideológico dos bens e ideias a elas associadas (FLEMING, 2016, p. 5).

Redes são processos que conectam pessoas e lugares com a finalidade de promover a movimentação de bens, de objetos, pessoas e ideias/tecnologias. Mas como esse rol de coisas efetivamente se dava num nível micro? As redes são conectividades que possibilitam às pessoas associarem-se entre si, a fim de comprar e vender, trabalhar, beber e comer, participar de cultos, discursar, guerrear, viajar etc. Kostas Vlassopoulos (2009, p. 13) nos remete a Aristóteles, observando que o filósofo estagirita vê a *pólis* como uma *koinônia* que abrange outras *koinônai*:

Todas as formas de comunidade (*koinônia*) são como partes da comunidade política de uma *pólis*. Por exemplo: é tendo em vista alguma vantagem particular que os homens viajam juntos, e a fim de proverem alguma coisa necessária à vida; e é por causa da vantagem que a comunidade política parece ter-se formado e perdurar, pois esse é o objetivo que os legisladores se propõem, e chamam justo o que concorre para a vantagem comum. Mas as outras comunidades têm em mira aspectos particulares dessa vantagem comum: os marinheiros, por exemplo, visam ao que é vantajoso numa travessia para o propósito de ganhar dinheiro ou alguma finalidade dessa espécie; e os soldados, ao que é vantajoso na guerra, quer busquem riqueza, quer a vitória ou a posse de uma cidade; todos esses *koinônai* então surgem como parte integrante do *koinônia* de uma *pólis* (Aristóteles, *Ética a Nicômaco apud VLASSOPOULOS*, 2009, p. 13).

Com esse exemplo de Aristóteles podemos notar que o conceito de redes passa pela ideia de flexibilização das relações. E, nesse sentido, observamos as múltiplas relações que tasienses estabeleceram com tantos e diversificados povos do Egeu, do Mediterrâneo e do Mar Negro. Desde os primeiros dias da colonização e ao longo de sua história, Tasos desempenhou um papel importante no comércio do norte do Mar Egeu. Atestados arqueologicamente, no século VII a.C. já circulavam em Tasos vasos das Cíclades, de Quios, de Rodes, da Jônia, vasos proto-áticos, marfins fenícios, joias ródias, bronzes macedônios, fíbulas frígias etc.

Do final do século VI a.C. até a época romana, ânforas tasienses foram comercializadas em mercados estrangeiros. A esse propósito, poderíamos falar em um mercado de ânforas tasienses? Chavdar Tzochev nos informa que Michel Debidour (2008), em recente estudo, teria oferecido uma resposta negativa a essa questão por duas razões básicas: graças às lacunas no registro arqueológico, o que torna difícil de interpretar as informações, e dado o anacronismo do conceito de mercado no que diz respeito ao comércio das ânforas antigas (DEBIDOUR, 2008, p. 107 *apud* TZOCHEV, prelo). Considerando essas dificuldades

inerentes ao tema, Tzochev nos sugere que seria mais apropriado modificar a pergunta de Debidour para “Como podemos falar de um mercado para ânforas tasienses?”

Os estudos efetuados a partir de cartas de viajantes do século XIX já apontavam o conhecimento das ânforas tasienses antes das escavações sistemáticas e a sua importância no Mediterrâneo (DUMONT; MILLER, 1869, p. 136). A área de dispersão das moedas da cidade por toda a bacia do Mediterrâneo Oriental e Sicília atesta o alcance das transações comerciais de Tasos, principalmente entre os séculos V e IV a.C.

A grande concentração de moedas de bronze encontradas em escavações arqueológicas traz uma importante riqueza de informações para os estudiosos. As moedas de bronze são provavelmente o melhor indicador para definir “mercados regionais”, um tema bastante em voga na atualidade. A título de exemplo, observamos que a diversidade de proveniência das moedas de bronze encontradas em Tasos mostram que a cidade pertence a uma “entidade regional” que se relacionava com as cidades da Calcídica (e mais tarde da Macedônia), seguindo do Monte Ainos à entrada do Estreito, e mais ao sul, atingindo a Samotrácia e Lemnos. Com isso, pode-se perceber que o comércio de Tasos estava muito mais orientado para a costa da Ásia Menor do que para às Cíclades e a península grega.

Por outro lado, saindo um pouco da região, é curioso notar que as áreas em que se encontraram moedas de bronze tasienses estão bastante relacionadas com as zonas de exportação do vinho de Tasos, principalmente em direção ao Mar Negro (PICARD, 2007, p. 120).

A classe dominante de Tasos, cuja riqueza era baseada na exploração dos muitos recursos da ilha, foi capaz de gerir os melhores interesses dos assuntos da cidade. Os contatos no exterior, principalmente do Mediterrâneo Oriental às margens do mar Negro, trouxeram uma importante cooperação comercial entre os vinhedos, em conjunto com os ateliês locais.

Segundo Grandjean e Salviat (2000, p. 177), quem detinha o controle das operações comerciais eram os *agoranomes*.<sup>3</sup> Ainda segundo esses autores, a propósito de toda a logística que envolvia o comércio, foi regulamentada a atracagem dos navios no porto; leis especiais para o comércio do vinho tinham sido decretadas desde o início do século V a.C., além de uma estrutura para o sistema de julgamento no século IV a.C., permitindo rapidez nos litígios comerciais (GRANDJEAN; SALVIAT, 2000, p. 177).

A produção de vinho para o comércio, controlada pela cidade, proporcionou prosperidade duradoura à *pólis*. Ânforas e, especialmente as meia-ânforas (capacidade

---

<sup>3</sup> *Agoranomes* eram magistrados que controlavam o comércio na Grécia antiga.

para 10-12 litros) deste vinho, o mais apreciado após o de Quios, no Mediterrâneo, estão presentes nos mercados, especialmente na Trácia e na costa do Mar Negro entre o século IV a.C. e a primeira metade do século III a.C. Virginia R. Grace (1979) nos afirma que, no *empóron* de Pistiros,<sup>4</sup> os comerciantes de Tasos e os habitantes locais conviveram durante o século IV a.C., promovendo uma forte presença tasiense nas regiões entre a costa do Mar Egeu e o seu interior, já que mercadorias transportadas estavam livres de impostos em determinadas rotas. Em Tasos, as leis do vinho ainda podem ser lidas em placas de mármore, com informações sobre a regulação comercial para o comércio na região (GRACE, 1979, p. 15).

### Dados sobre os timbres anfóricos tasienses

Os timbres anfóricos de Tasos – assim como suas moedas – são documentos essenciais para o aprofundamento das pesquisas sobre as relações comerciais da ilha nos períodos arcaico e clássico. Os trabalhos com as ânforas foram feitos a partir do que se encontrou nas escavações executadas pela EFA depois de 1911,<sup>5</sup> sob a direção de M. M. Fougères, Picard, Roussel, R. Demangel e G. Daux (BON; BON, 1957, p. 5).

Muitas cidades gregas como Tasos, Rodes, Cnide, Cos, Sinope foram marcadas pela difusão das ânforas tasienses timbradas. Desta forma, esses timbres circularam por todo o Mediterrâneo e para além do mar Negro (GARLAN, 1982, p. 837). Primeiramente, as ânforas tasienses foram comercializadas com Quios sem apresentar sinais distintivos permanentes: suas formas eram caracterizadas por figuras pintadas – e não por timbres impressos na argila ainda úmida (mole) – indicando a sua origem. De acordo com Yves Grandjean e François Salviat (2000, p. 189), será a partir do século V a.C. que os primeiros timbres em Tasos começarão a aparecer: selos quadrados, circulares e ovais, em cruz com representação figurada em relevo em forma de cratera, lira e cabeça de boi.

---

<sup>4</sup> De acordo com o Glossário do Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca – MAE/USP), *empóron*, termo em grego: ἐμπόριος, α, ον, era uma praça de comércio marítimo; daí cidade situada no litoral, com grande porto e grande atividade comercial. Disponível em: <<http://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/>>.

<sup>5</sup> Escola Francesa de Atenas.

**Figura 2** - Timbre anfórico: cabeça de boi



**Fonte:** Grandjean; Salviat (2000, p. 189).

Os timbres anfóricos e as moedas são parte dos objetos do mundo grego que, por excelência, permitem o resgate de datações mais precisas das cerâmicas. Em Tasos há uma conjuntura particular favorável porque as duas categorias de material são estudadas em conjunto por especialistas como Debidour, para timbres anfóricos e Picard para moedas, ambos pesquisadores da Escola Francesa de Atenas (GROS; BLONDÉ, 2010, p. 63).

Os símbolos timbrados são considerados tesouros iconográficos. Eles são compostos de emblemas ou atributos divinos, máscaras trágicas e cômicas, armas, ferramentas, objetos da vida cotidiana, lemes, proas de navios, animais de estimação de qualquer tipo (quadrúpedes, aves, répteis, peixes, crustáceos).

A produção de ânforas timbradas no antigo mundo grego é de suma importância para os estudos sobre a sua produção e a regulamentação ligada às informações que se apresentam, como por exemplo: nomes de fabricantes, magistrados, por vezes iconografia semelhante às moedas em circulação em Tasos a partir do século V a.C. e de outros locais da Grécia. No caso de Tasos, a produção de ânforas ocorria em ateliês estrategicamente localizados na ilha para melhor produzir e distribuir a grande demanda de vinho na região. Tal produção era assegurada por uma instituição que escolhia as gravuras nos timbres e estava sob a responsabilidade de um magistrado da cidade (DEBIDOUR, 1998, p. 591-592).

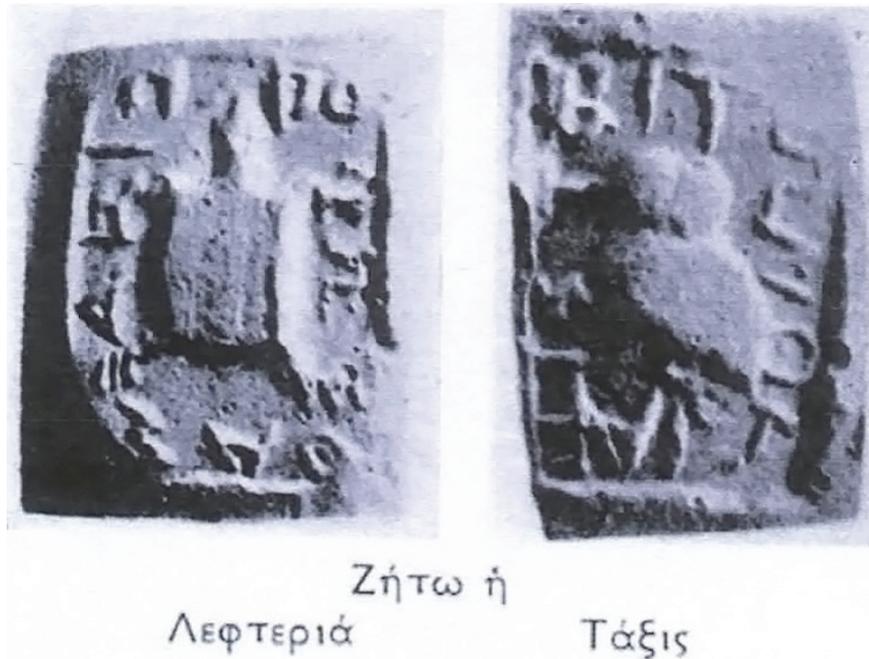
Os timbres tasienses começaram a repetir os motivos iconográficos presentes nas moedas de Tasos a partir de 411 a.C. Exemplo disso são as representações de Hércules arqueiro e também do arco (atributo de Hércules):

**Figura 3** - Representações de Hércules arqueiro e do arco

(1) Timbre com Hércules Arqueiro; (2) moeda com Hércules Arqueiro; (3) timbre com o arco; (4) moeda com arco. **Fonte:** Grace (1946, p. 15, 25 e 32).

De acordo com Grace (1946), o aparecimento da coruja ateniense nos timbres de Tasos demonstra a proposta de relações cordiais que os tasienses tinham com Atenas e com o Ocidente grego, por volta de 390 a.C.

**Figura 4** - À esquerda, timbres emulando a tartaruga das moedas de Egina e à direita, a coruja das moedas atenienses



**Fonte:** Grace (1946, p. 33).

Pesquisadores como Yvon Garlan (1982) acreditam que, em Tasos, o objetivo das gravuras dos timbres recentes (335-330 a.C.) não seria o da divulgação das ânforas, no sentido propagandístico, como objetos feitos localmente por artesãos identificados como mestres oleiros nos timbres. Garlan se apoia no trabalho de Gauthier, *Numismatique antique, problèmes et méthodes*, de 1975, em que este afirma que as moedas serviam mais para autenticar do que para identificar um grupo social ou um local produtor/emissor. Garlan, desse modo, afirma que o étnico impresso nos timbres anfóricos – assim como os presentes nas moedas – tinha a mesma finalidade das moedas, conforme pontua Gauthier (1975, p. 169 *apud* GARLAN, 1982, p. 845).

Para Garlan (1982, p. 844), o timbre não teve o objetivo de identificar nem recipiente, nem conteúdo; tinha apenas o objetivo de autenticar, como um procedimento burocrático de regulamentação comercial. A convicção interpretativa dos timbres, de acordo com o pesquisador, está na sua fabricação e não em sua comercialização, ou seja, como um controle administrativo sobre o fabrico.

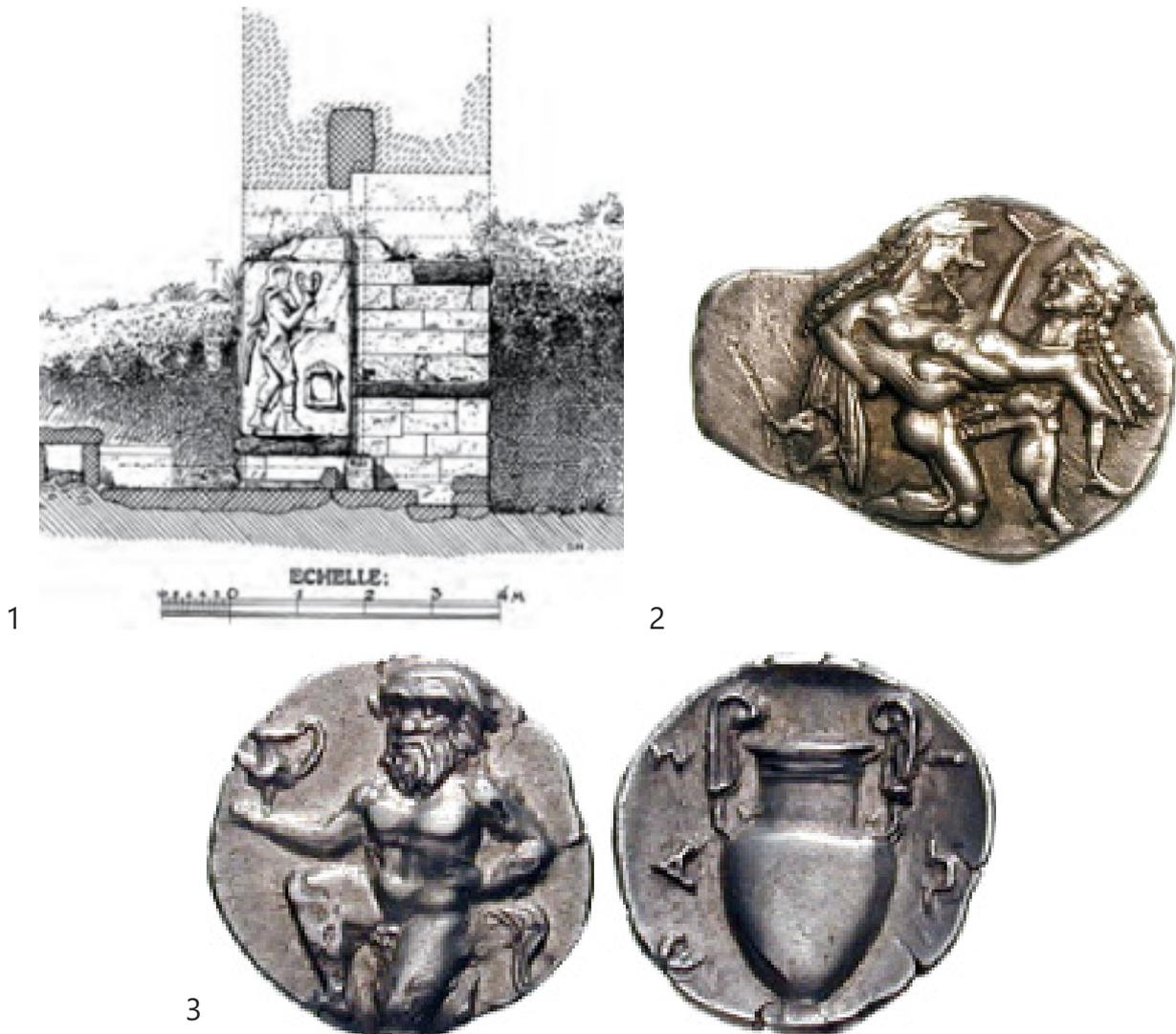
Somos reticentes quanto a essa proposição de Garlan. Concordamos que havia a pretensão de autenticação da autoridade emissora da peça. Todavia, entendemos que a escolha de elementos iconográficos não é aleatória, e estudos sobre a iconografia da moeda no mundo antigo nos auxiliam nesse entendimento. Assim como ocorrera nas

moedas, nos timbres das ânforas de Tasos os cânones já se encontravam definidos pela tradição, pela repetição, pelo contato e pela negociação. Ademais, na Antiguidade as esferas da sociedade eram imbricadas e símbolos escolhidos para estar em um timbre de uma ânfora e em moedas (assim como a assinatura de um oleiro, uma marca que represente uma olaria ou uma oficina monetária) poderiam estar tão diretamente relacionadas à economia, como também à política e mesmo à religião. Nesse sentido, a discussão sobre redes que apresentamos linhas acima nos permite concluir que a escolha de Hércules, Dioniso, Sileno ou sátiros para comporem o campo imagético de timbres e moedas está bastante relacionada com muitas outras questões da vida de Tasos.

A título de exemplo, citamos a já falada presença inicial dos fenícios em Tasos. Eles ali teriam fundado um templo dedicado ao deus Melqart, a quem os gregos identificavam como "Hércules tírio", e cujo culto foi fundido com o de Hércules no curso de helenização da ilha (Pausanias, 5.25.12). Picard nos informa que este templo ainda existia no tempo de Heródoto (PICARD, 1923, p. 242).

Do mesmo modo, Susan Guettel Cole (1994, p. 312) discute sobre a antiguidade do culto de Dioniso em Tasos e sua estreita relação com a produção de vinho, além de considerar, claro, a movimentação que o culto de Dioniso teve na esfera mediterrânica a partir de suas raízes orientais. Cornelia Isler-Kerényi (2007, p. 229), nos aponta a importância de Sileno e dos sátiros em Tasos ao apresentar paralelos existentes entre a iconografia presente nas moedas e em outros suportes, como é o caso do relevo que adornava uma das entradas amuralhadas da cidade. A figura monumental de um sátiro segurando um cântaro nos indica a importância dessas divindades para Tasos (Figura 5, abaixo). Isso ajuda a explicar não apenas o porquê desses elementos estarem presentes nos timbres das ânforas tasienses e em suas moedas e demais suportes, como evidencia também a importante conexão cultural e religiosa de Tasos com outras cidades e regiões.

**Figura 5** - Representações de sátiros



(1) Sileno em relevo de uma das entradas amuralhadas de Tasos Fonte: (2) Moeda com Sileno nu, itifálico, carregando ninfa; (3) Moeda com sátiro ajoelhado, segurando cântaro no anverso e ânfora e étnico ΘΑΣΙΩΝ presentes no reverso. **Fonte:** Picard (1962, pl. XIII *apud* ISLER-KERÉNYI, 2007, p. 359); Svoronos (pl. x, 7-11; catálogo SNG Cop); Catálogo SNG Cop 1029).

Foram localizados, em Tasos, quatro depósitos de ateliês de ânforas timbradas: um em Molos, em 1977, outro na planície de Limenas a partir de uma sondagem efetuada em 1933 por Émile Haspels, da Escola Francesa de Atenas;<sup>6</sup> um outro ainda na colina de Koukos, na extremidade meridional da ilha. E, finalmente, um último encontrado em 1978, mais a oeste, na borda da praia de Vamvouri Ammoudia e em 1980, no rochedo de Kolonero, na costa oriental, entre Kinira e Potamia (fig. 6). Os três últimos locais forneceram cada um cerca de 1000 a 1700 alças timbradas (GARLAN, 1982, p. 841).

<sup>6</sup> Parte principal da cidade, *ásty*, onde localiza-se o porto antigo.

**Figura 6** - Principais ateliês de ânforas timbradas em Tasos

Fonte: Grandjean; Salviat (2000, p. 186).

Oportuno distinguir dois momentos importantes, de acordo com Garlan (1982, p. 838): a de selos antigos, na segunda metade do século V a.C. até cerca de 340 a.C. (data de ocupação de Tasos pelos macedônios), e a datação de timbres recentes, em torno de 340-335 a.C. até metade do período helenístico. Este artigo tem como objetivo focar-se nos dois períodos principais, que foram bastante trabalhados por pesquisadores franceses da EFA.

A timbragem antiga começa entre metade do século V a.C. até 340 a.C. O timbre comporta geralmente o étnico (ΦΑΣΙΟΝ), dois nomes, sendo uma parte do magistrado que exerce o câmbio anual, sem dúvida um *agoranome* que tinha sua jurisdição, medida de acompanhamento de mercado, e o outro o nome do responsável pela fabricação de vaso, chamado *kéramarque*. Nos timbres antigos, os dois nomes (magistrado e fabricante) apareciam timbrados (POUILLLOUX, 1954, *passim*).

**Figura 7** - Timbre anfórico antigo. Étnico, nome do magistrado e do fabricante sem símbolo



**Fonte:** Grandjean; Salviat (2000, p. 189).

A partir de 335 a.C. inicia-se a inserção de símbolos figurados, emblema próprio do magistrado fabricante e um étnico, as chamadas timbragens recentes:

**Figura 8** - Timbre anfórico recente com o símbolo, o étnico e o nome *Skymnos* (magistrado)



**Fonte:** Grandjean; Salviat (2000, p. 190).

Os fabricantes faziam as ânforas por séries anuais, para deixar o vinho para a colheita de outono. Em escavações de 1981, em Kolonéro, encontrou-se um ateliê com seis timbres de ânforas identificadas. Os nomes dos fabricantes eram Aristágoras e seu filho, Démalkés, membros de uma família de grandes notáveis. O mesmo ateliê foi também utilizado por Léophantos, o irmão mais velho de Aristágoras. Estes personagens

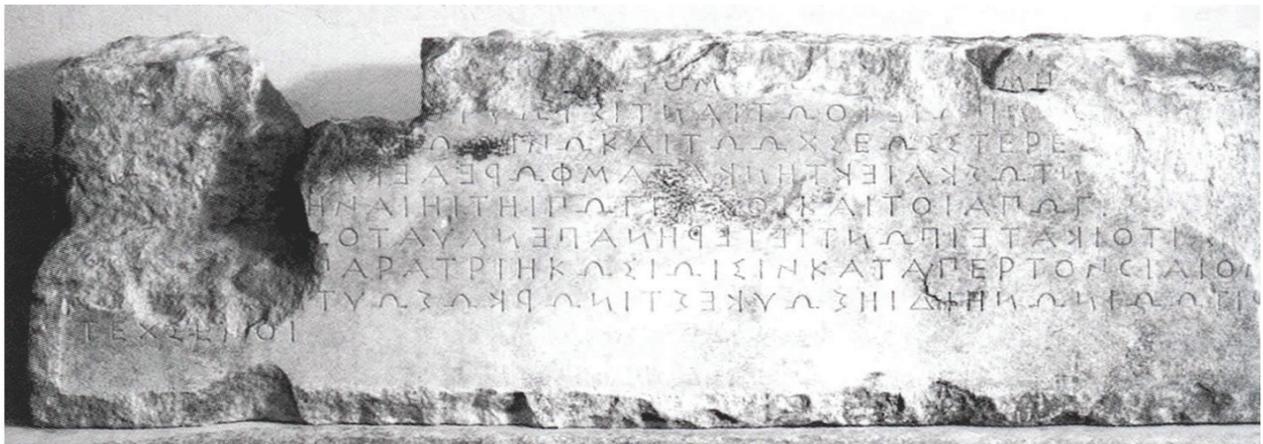
aparecem como cultivadores de vinho, proprietários por um longo período, com um grande domínio da costa leste. Importante dizer que essa atividade alimentava um comércio de exportação para além da costa do Mar Negro.

### Os vinhos de Tasos: as propriedades e a relação com as ânforas timbradas

O vinho de Tasos foi celebrado pelos escritores áticos do final do século V a.C. e início do século IV a.C. Algumas referências textuais enfatizam uma conexão orgânica entre o vaso e o seu conteúdo. A esse propósito, Virginia Grace (1979, p. 10) nos remete a algumas passagens textuais, dentre elas uma passagem da comédia *Lisístrata*, de Aristófanes. Consideramos que não há, na interpretação, dissociação entre estes dois elementos (a ânfora e seu conteúdo), posto que as ânforas tasienses eram originalmente transportadoras de vinho. Uma boa parte das leis relacionadas ao vinho tasiense ainda pode ser lida em Tasos, nas placas de mármore (GRACE, 1979, p. 10). A exemplo disso destacamos a lei grega mais antiga sobre o comércio de vinho e vinagre que, a propósito, fora descoberta em Tasos:

[Aos infratores] perderá o vinho e vinagre e pagar uma *hecté* por ânfora que será consagrada a Atena e Apolo Polioucos e Pítio enquanto outro *hecté* retornará ao denunciador [...]<sup>7</sup> (Et. Thasiense III, 7).<sup>8</sup>

**Figura 9** - Lei sobre o vinho e o vinagre em mármore *boustrophédon*<sup>9</sup>



**Fonte:** Grandjean; Salviat (2000, p. 184).

<sup>7</sup> *Hecté* é uma dentre as várias denominações das moedas gregas. Corresponhia a 1/6 do valor de um *stater*.

<sup>8</sup> Texto fragmentário, datado de 480-470 a.C. Tradução livre do francês para o português.

<sup>9</sup> O *boustrophédon* é um antigo sistema de escrita, patente em manuscritos e inscrições da Antiguidade, no qual a direção da escrita, ao contrário dos modernos português e inglês (escritos da esquerda para a direita) ou árabe e hebraico (escritos da direita para a esquerda), alternava consoante as linhas.

Os símbolos timbrados nas ânforas mostram uma pequena quantidade de magistrados no controle. Isto significa que os produtores de vinho – patrocinadores da produção anfórica – eram poucos. Levando-se em consideração toda a terra arável da ilha de Tasos, reforçada pela dispersão das oficinas anfóricas onde a vinha era dominante, estima-se que a sua atividade tinha de estar centrada em áreas estratégicas o suficiente, o que poderia, em alguns casos, atingir várias dezenas de hectares. Grandjean e Salviat (2000, p. 184) nos informam que a exploração sistemática da ilha revelou alguns vestígios importantes de possíveis fazendas de vinha. Foram encontradas paredes, terraços, incluindo oficinas de ânforas, confirmando a importância da viticultura na economia local. A fazenda de Marmaromandra, situada ao nordeste da ilha, próxima à antiga cidade de Limenas, é um exemplo interessante de estabelecimento rural dedicado à exploração de videira. Construída durante o século IV a.C., é constituída por 2 edifícios que foram reservados para habitação e armazém para colheita; ali foram encontrados *pithoi* enterrados (GRANDJEAN; SALVIAT, 2000, p. 181).<sup>10</sup>

Uma inscrição ática forneceu informações valiosas a este respeito, na estela de Hermocopides, gravada em 414 a.C., como resultado do confisco de bens de Alcibiades e seus amigos, condenados por parodiarem os mistérios de Elêusis. Este texto menciona dois vinhedos de Tasos – o primeiro parece ter pertencido ao ateniense Adimanto, com uma área de aproximadamente 8 a 10 hectares e 22 *pithoi* em boas condições foram ali armazenados; o segundo vinhedo (onde foram encontrados 93 *pithoi*) localizava-se em Kolonéro, região na costa leste, e que está associada há décadas com a mesma família de viticultores (BONIAS, 1986, p. 168).

Portanto, a relação espacial interna foi estrategicamente pensada para o melhor escoamento da mercadoria a partir do porto da antiga cidade de Limenas. As fazendas que produziam vinho estão estrategicamente próximas de ateliês importantes de ânforas timbradas ou, como mostra em Marmaromandra, os ateliês se localizariam dentro das fazendas (BONIAS, 1986, p. 169).

## Considerações finais

As ânforas timbradas são reconhecidas por serem marcadores cronológicos. Ao mesmo tempo, elas são capazes de apontar importantes centros produtores do mundo

---

<sup>10</sup> *Pithos* (plural *pithoi*) refere-se, na Grécia Antiga, a grandes vasos de armazenamento, com capacidade para 10 hectolitros. A palavra era, em certo ponto, usada pelos arqueólogos clássicos ocidentais para designar os vasos descobertos por escavações em Creta e Grécia. No entanto, atualmente adota-se a mesma como uma palavra geral que designa um vaso de armazenamento de qualquer cultura. O *pithos* é melhor conhecido em sua forma latina como o fisco (em latim: *fiscus*), por vezes tomado no sentido de um lugar onde os fundos eram armazenados.

grego do período clássico até o período helenístico. Os principais centros relacionados de produção (Egeu) e de importação (Mar Negro) são: Tasos, Rodes, Knides, no Egeu, e Heracléia Pôntica, Sinope e Quersoneso, no Mar Negro. Muitas publicações ao longo dos anos foram aprimoradas, havendo considerável precisão nos dados, porém ainda há dúvidas acerca do papel do timbre. Estariam os timbres relacionados à divulgação de produtos locais nas relações e transações comerciais? Queremos crer que sim.

Fato é que, como aponta Nicolae Conovic (2005), é possível assumir que os timbre anfóricos, provenientes de diversos centros produtores, são muito importantes para compreendermos melhor a dinâmica de comércio que envolve tanto a importação quanto a exportação de produtos ao longo dos mares Egeu e Negro.

Como pudemos observar nas linhas acima, o comércio entre o Mar Egeu e o Mar Negro foi bastante profícuo entre os séculos V e III a. C., todavia, estudos sobre a circulação de ânforas timbradas egeias na região do Mar Negro são ainda incipientes. Conovic nos informa que Monachov publicou comparações entre ânforas de depósitos fechados em áreas no norte do Mar Negro,<sup>11</sup> mas ainda é preciso atentar-se para os estudos sobre importações, considerando as várias fases de transações comerciais para que se obtenha dados mais precisos acerca do crescimento ou diminuição de importações de ânforas de diferentes centros, em áreas particulares ao longo do tempo (MONACHOV, 1992 *apud* CONOVIC, 2005, p. 97).

A propósito das dificuldades de se avançar com os estudos sobre a circulação de produtos no Mar Negro, Anne-Marie Bon, no prefácio de *Études Thasiennes IV* publicado pela EFA, *Les timbres Amphoriques de Thasos*, aponta para o parco diálogo entre pesquisadores ocidentais e pesquisadores romenos, búlgaros ou russos, destacando as reais dificuldades existentes devido às barreiras linguísticas, culturais e históricas. Ter acesso às publicações recentes nos centros de estudos mencionados seria essencial para a compreensão de questões ligadas ao comércio de ânforas timbradas tasienses (BON; BON, 1957, p. 7).

Pudemos observar também que o conceito de redes pode ajudar-nos a escrever um novo tipo de História Grega, de pensarmos a Antiguidade de forma mais plural e flexível. Vivemos em um mundo globalizado, com identidades fragmentadas, redes extensas, alta mobilidade, e um sistema-mundo que parece fora de controle. A circulação de ânforas timbradas tasienses, sua correlação com as moedas, com os locais de produção do vinho e com a evolução das leis da *pólis* podem fornecer uma arena fascinante para se estudar

---

<sup>11</sup> Uma boa parte da bibliografia sobre o Mar Negro está em russo, o que dificulta o acesso à informação. Exemplo disso é o texto de Monachov, S. J., e Slonov, V. N. de 1992, intitulado *À propos de la reconstitution de la méthode antique de calcul et d'élaboration des modèles d'amphores grecques anciennes*, um dos poucos textos atuais a serem traduzidos para o francês.

– e conseqüentemente entender melhor – as muitas questões que dizem respeito ao universo mediterrâneo e a Grécia como um todo. Pode inclusive nos sugerir maiores e mais aprofundadas reflexões sobre a Antiguidade e as esferas amalgamadas de sua vida de forma geral.

## Referências

### Documentação textual

PAUSANIAS. *Description of Greece*. Translated by W. H. S. Jones and H. A. Ormerod. Cambridge: Harvard University Press, 1918.

### Obras de apoio

BON, A. M.; BON, A. *Les timbres amphoriques de Thasos*. Paris: E. de Boccard, 1957. v. 1.

BONIAS, Z. Ferme de Marmoramandra (em grego). *Archaïologikon Deltion*, v. 41, p. 168-171, 1986.

COLE, S. G. Civic cult and civic identity. In: HANSEN, M. H. (Ed.) *Sources for the Ancient Greek City-State*. Copenhagen: Munksgaard, 1995, p. 292-325. v. 2.

CONOVIC, N. The dynamics of trade in transport amphoras from Sinope, Thasos and Rhodos on the Western Black Sea Coast: a comparative approach. In: STOLBA, V. F., HANNESTAD, L. (Org.). *Chronologies of the Black Sea Area in the Period C. 400-100 BC*. Aarhus: Aarhus University Press, 2005, p. 97-117.

DEBIDOUR, M. Peut-on parler d'un marché des amphores Thasiennes? In: ROMAN, Y.; DALAISON, J. (Org.). *L'économie antique, une économie de marché?* Paris: Société des Amis de J. Spon, 2008.

DEBIDOUR, M. La tutelle de la cité sur la production des amphores à Thasos à la lumière d'un exemple: le "groupe au rhyton". *Topoi*, v. 8, n. 2, p. 591-606, 1998.

DUMONT, A.; MILLER, E. Deux sceaux amphoriques et inscriptions grecques inédites de Thasos. *Revue Archéologique*, v. 20, p. 135-150, 1869.

FLEMING, M. I. D'. *Projeto Temático do LARP: Formas de contato: produção, poder e simbolismo no mundo romano*. São Paulo: MAE/USP, 2016.

GARLAN, Y. Les timbres amphoriques thasiens. Bilan et perspectives de recherche. *Annales*, v. 37, n. 5, p. 837-846, 1982.

GRACE, V. Amphoras and the ancient wine trade. *American School of Classical Studies At Athens*, v. 16, p. 178-188, 1979.

- GRACE, V. Early Thasian Stamped Amphoras. *American Journal of Archaeology*, v. 50, n. 1, p. 31-38, 1946.
- GRAHAM, A. J. The Foundation of Thasos. *The Annual of the British School at Athens*, v. 73, p. 61-98, 1978.
- GRANDJEAN, Y.; SALVIAT, F. *Guide de Thasos*. Athènes: Ecole Française d'Athènes (EFA), 2000. v. 3.
- GROS, J. S.; BLONDÉ, F. Les céramiques d'usage quotidien à Thasos au IV<sup>e</sup> siècle avant J.-C. *Études thasiennes*, XX, v. 1-2, 2010.
- ISLER-KERÉNYI, C. *Dionysos in archaic Greece: an understanding through images*. Lieden: Brill, 2007.
- PICARD, C. Rituel archaïque d'Héraclès thasien. *Bulletin de correspondance hellénique*, v. 47, n. 1, p. 241-274, 1923.
- PICARD, O. Monnaie et circulation monétaire a l'époque classique. *Pallas*, v. 74, p. 111-126, 2007.
- POUILLOUX, J. *Recherches sur l'Histoire et les cultes de Thasos*. Paris: EFA, 1954. v. III.
- SNG COPENHAGEN 1029: *The royal collection of coins and medals*. Danish National Museum. New Jersey, 1981
- TZOICHEV, C. Markets, amphora trade and wine industry: the case of Thasos. In: HARRIS, E. M.; LEWIS, D. M.; WOOLMER, M. (Ed.). *The Ancient Greek Economy: Markets, Households and City-States*. Cambridge: CUP, no prelo.
- VLASSOPOULOS, K. Beyond and below the 'polis': networks, associations, and the whitening of Greek history. In: MALKIN, I.; CONSTANTAKOPOULOU, C.; PANAGOPOULOU, K. (Ed.). *Greek and Roman networks in the Mediterranean*. New York: Routledge, 2009, p. 12-23.